ISSN: 2358-8829

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: MULHERES TRABALHADORAS RURAIS NA FESTA DO PRODUTOR RURAL ALAGOA NOVA/PB

Genira Pereira da Costa [1]
Patrícia Cristina de Aragão[2]

INTRODUÇÃO

As mulheres trabalhadoras rurais desenvolvem diversas atividades, entre elas, cultivo da terra, produção de alimentos, cuidado com os quintais, artesanato e na comercialização de produtos. Apesar de sua importância para a economia familiar e para a preservação de conhecimentos e práticas culturais, essas atividades nem sempre recebem o devido reconhecimento, sobretudo quando estão associadas às responsabilidades domésticas e ao cuidado. Essa realidade evidencia que a invisibilidade do trabalho feminino não decorre de sua ausência, mas das relações sociais que determinam quais atividades são reconhecidas como de âmbito produtivo ou reprodutivo e essa distinção implica também definir em quais espaços os sujeitos que as desenvolvem podem circular.

Assim, a distinção entre público e privado contribui para compreender essa problemática. Okin (2008) problematiza a separação entre essas esferas ao evidenciar que as relações familiares não estão dissociadas da organização política e econômica da sociedade. As responsabilidades assumidas pelas mulheres no ambiente doméstico interferem em suas possibilidades de participar das atividades públicas, enquanto as desigualdades presentes nos espaços coletivos repercutem em suas experiências cotidianas.

Nessa perspectiva, Scott (1995) compreende o gênero como elemento constitutivo das relações sociais e forma de significar relações de poder, permitindo analisar como as atividades, as responsabilidades e as oportunidades são distribuídas entre homens e mulheres.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB), pesquisadora do Grupo de Pesquisa de História Cultura e Ensino do CNPQ. E-mail: genira.c@aluna.uepb.edu.br; genira.pcosta@professor.pb.gov.br.
[2] Doutora em Educação e mestra em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba,Professora titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), curso de História, e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS/UEPB), coordenadora do grupo de Pesquisa História Cultura e Ensino. Email: patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

No meio rural, essa discussão exige reconhecer que as mulheres não estão restritas ao espaço doméstico. Elas trabalham na agricultura, comercializam produtos, participam de associações, integram sindicatos e movimentos sociais e produzem conhecimentos relacionados ao território. Entretanto, a multiplicidade de suas atividades nem sempre se converte em reconhecimento equivalente.

É nesse contexto que se insere a Festa do Produtor Rural de Alagoa Nova/PB, evento que reúne atividades de exposição, comercialização, cultura e entretenimento. A participação de agricultoras e artesãs permite observar como os saberes e fazeres femininos alcançam espaços públicos e passam a circular para além das relações familiares e comunitárias.

Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar a participação das mulheres trabalhadoras rurais na Festa do Produtor Rural de Alagoa Nova/PB, identificando suas contribuições e formas de representatividade, bem como as contradições que atravessam esse espaço de conquista e empoderamento. Parte-se do entendimento de que a festa favorece a visibilidade social e econômica das mulheres, mas esse processo não ocorre de maneira uniforme nem elimina as desigualdades que condicionam sua participação.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por buscar compreender as experiências e os significados atribuídos à participação das mulheres trabalhadoras rurais na Festa do Produtor Rural. O trabalho de campo foi realizado em abril de 2025, em Alagoa Nova/PB, por meio de observações *in loco* e conversas informais com as mulheres participantes do evento. Também foram consideradas entrevistas com o secretário municipal de Agricultura e com o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais.

A análise foi desenvolvida por meio da articulação entre os registros de campo, as falas dos interlocutores e as discussões teóricas sobre gênero, divisão sexual do trabalho, participação social e agroecologia. Para sistematizar os resultados, foram consideradas três dimensões: a diversidade do trabalho feminino; a visibilidade e as oportunidades de comercialização; e as contradições relacionadas à participação e ao reconhecimento das produtoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação da Festa do Produtor Rural evidenciou a diversidade dos trabalhos realizados pelas mulheres. Entre os produtos apresentados estavam geleias, doces,

tapiocas, macaxeira com galinha caipira, mungunzá, pamonha, milho cozido, bolos, colorau e beiju. Também foram identificadas plantas medicinais e ornamentais e peças artesanais produzidas por meio de bordados, crochê, pinturas, fuxico e confecção de bonecas de pano.

Essa diversidade revela que a contribuição feminina não se limita à produção agrícola em sentido estrito. Ela envolve conhecimentos sobre cultivo, preparo e conservação de alimentos, produção artesanal e cuidado com plantas. São práticas construídas pela experiência e aprendizagem cotidiana, frequentemente transmitidas entre gerações e relacionadas às condições de vida das comunidades rurais.

Outro aspecto relevante observado foi constatar que atividades que, em outros contextos, são interpretadas como extensões das responsabilidades passam a ser apresentadas publicamente como resultados de trabalho, habilidade e conhecimento que geram renda. Contudo, é importante distinguir o reconhecimento do produto do reconhecimento de quem o produz. A exposição de um alimento ou de uma peça artesanal não torna necessariamente visíveis o tempo dedicado à produção, as tarefas de cuidado, a organização do trabalho e os conhecimentos mobilizados em cada etapa.

É importante, sobretudo, levar esta discussão para o ambiente escolar sobre o quanto essas atividades embora necessárias para as mulheres, muitas vezes gerando sobrecarga de trabalho, quando as atividades em âmbito doméstico ainda são majoritariamente exercidas por elas.

Essa questão dialoga com Okin (2008) e Scott (1995), pois evidencia que a valorização do trabalho feminino está relacionada às relações de poder que organizam as esferas doméstica e pública. A comercialização pode representar uma oportunidade de renda e autonomia, mas não deve ser considerada o único critério para reconhecer a importância das atividades realizadas pelas mulheres. A produção destinada ao consumo familiar, a manutenção dos quintais e os cuidados envolvidos na reprodução cotidiana da vida também possuem valor social e econômico, ainda que não resultem diretamente em venda.

Essa perspectiva é importante porque muito do que essas mulheres produzem em seus roçados, constitui parte da alimentação da família, o que garante segurança e soberania alimentar. Nesse sentido, a perspectiva agroecológica contribui para reconhecer a relação entre produção, ambiente e conhecimentos locais. Caporal (2009) permite compreender a agroecologia para além de um conjunto de técnicas agrícolas, considerando suas dimensões sociais e culturais.

ISSN: 2358-8829

A Festa do Produtor Rural constitui uma oportunidade para apresentar produtos, estabelecer contatos com consumidores e ampliar a circulação da produção local. A experiência de uma das participantes com quem conversei declarou que: "A exposição em eventos como a festa do Produtor Rural fortalece o empoderamento feminino frente a realidade rural, uma vez que coloca a mulher à frente de sua produção e comercialização" (Participante, 2025).

Essa experiência evidencia uma dimensão importante a possibilidade das mulheres ampliarem sua atuação econômica e conquistarem maior visibilidade. Contudo, a participação na festa também precisa ser compreendida em relação à organização dos espaços. O evento reúne atividades de exposição e apresentações em locais com características distintas, como o Moraesão e o Parque José Pimentel. Essa distribuição suscita questões sobre a circulação do público, a divulgação dos produtos e a visibilidade atribuída às diferentes atividades.

A percepção de uma outra participante expressa uma das contradições identificadas na pesquisa: "O grande evento, não é lugar pra nós, pois lá não tem espaço para a gente divulgar o nosso produto, que vem direto do roçado. A festa foi toda vendida para o Bar do Cuscuz". A fala revela como a interlocutora percebe sua inserção no evento e questiona o lugar reservado às produtoras na programação. Ela não deve ser tomada, isoladamente, como comprovação de uma intenção institucional de excluir as mulheres, mas constitui um registro relevante de uma experiência de não pertencimento.

A fala também demonstra que estar presente em uma festa não significa, necessariamente, sentir-se representada por ela. Uma produtora pode participar da exposição e, ainda assim, considerar que os espaços de maior destaque não contemplam suas necessidades ou não valorizam suficientemente o trabalho que realiza. Desse modo, a visibilidade dos produtos e o reconhecimento das produtoras precisam ser analisados como dimensões relacionadas, mas distintas. As experiências das mulheres revelam que o evento pode oferecer oportunidades de comercialização e, simultaneamente, apresentar limitações percebidas pelas participantes, como a restrição na comercialização, visto que o espaço de exposição fica limitado à população local, afastado da área central do grande evento.

As entrevistas com representantes locais acrescentaram elementos importantes para compreender as condições de participação das mulheres. O secretário municipal de Agricultura revelou que ao longo das edições tem reduzido a presença feminina e atribui à sobrecarga de atividades domésticas. Sua avaliação evidencia que a participação pública

depende das condições concretas de organização do cotidiano. O que nos faz inferir que a divisão sexual do trabalho e a distribuição desigual das responsabilidades domésticas e de cuidado constituem um fator que ainda limita a participação feminina nos espaços públicos.

O presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, por sua vez, apontou fragilidades na comunicação entre a organização da festa e as representações das comunidades. Essa avaliação indica que a participação não depende apenas da disponibilidade das mulheres, mas também das formas de diálogo e planejamento institucional. É necessário distinguir a presença no evento da participação nas decisões que o organizam: as mulheres podem expor produtos sem participar da definição da programação, da distribuição dos espaços ou das estratégias de divulgação. A contribuição de Gohn (2011) permite destacar a importância da organização coletiva para construir demandas e fortalecer a capacidade de interferir nas decisões relacionadas ao desenvolvimento rural.

Os relatos analisados evidenciam, assim, que o empoderamento não pode ser entendido como resultado automático da presença feminina em um espaço público. Trata-se de um processo que envolve oportunidades econômicas, reconhecimento social, autonomia e participação política. A Festa do Produtor Rural pode contribuir para esse processo ao dar visibilidade aos produtos e saberes das mulheres, mas seu potencial depende também da existência de condições mais equitativas de participação e de diálogo com as organizações que fazem parte da estruturação do espaço rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a Festa do Produtor Rural de Alagoa Nova/PB constitui um espaço de visibilidade para os trabalhos, saberes e práticas culturais das mulheres rurais. A diversidade dos produtos trazidos pelas mulheres revela o potencial da produção feminina para a economia e a cultura local, além de revelar possibilidades de comercialização e divulgação da produção.

Entretanto, os resultados também apontam contradições. Enquanto algumas experiências indicam oportunidades de comercialização, a sobrecarga de trabalho, as fragilidades de comunicação com as organizações rurais e a percepção de não pertencimento expressa por uma das participantes revelam limites à participação. Essas evidências mostram que a visibilidade dos produtos não assegura, por si só, o

reconhecimento integral do trabalho nem assegura a autonomia e o protagonismo das produtoras na tomada de decisões.

Conclui-se que a festa pode ser compreendida como um território de conquista e empoderamento, desde que esse processo seja entendido como uma construção em curso, marcada por avanços, limites e disputas. Seu potencial de valorização poderá ser fortalecido por meio do diálogo com agricultoras, artesãs, associações e sindicato, da consideração das necessidades das participantes e da criação de condições mais equitativas de exposição, comercialização e participação no planejamento.

A pesquisa também aponta possibilidades para a educação, especialmente na valorização dos saberes locais e na discussão das relações de gênero que atravessam o trabalho rural. Como limite, os resultados se referem à edição observada em abril de 2025 e às experiências dos interlocutores ouvidos, não permitindo generalizações sobre todas as mulheres do município. Estudos posteriores poderão comparar diferentes edições da festa e aprofundar a análise das condições de comercialização e participação em outras edições.

Palavras-chave: Gênero; Trabalho Rural; Educação do Campo; Agroecologia; Espaço Público.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia:** uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011, p.333-512. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jul. 2025.

OKIN, Susan Moller. Gênero, público e privado. Tradução: Flávia Brasil. **Rev. Estud. Fem**. v. 16, n.2, p.305-332, agosto 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4MBhqfxYMpPPPkqQN9jd5hB/abstract/?lang=pt >. Acesso em 12 de set. 2025.

SCOTT, Joan**. Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 15 set. 2025.